



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E A DIVERSIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: uma experiência prática com a leitura literária de temática indígena.

VALÉRIA APARECIDA BARI

SHIRLEY DOS SANTOS FERREIRA

EIXO: 2. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS AFIRMATIVAS

Resumo Relata a experiência educacional vivenciada mediante o trabalho realizado com alunos da Rede Pública Municipal e Estadual do Município de São Cristóvão, vislumbrando a superação do discurso etnocêntrico. Por meio de uma vivência desenvolvida em celebração ao Dia do Índio, no Museu Histórico de Sergipe (MHSE), foram elaboradas análises sobre a apropriação de diferentes segmentos da comunidade escolar local, com identidades sociais assumidas como indígenas e descendentes e população mestiça branco/parda aculturada. Verifica que a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, que pode ser ampliada e gerar uma convivência harmoniosa no ambiente escolar. Conclui que a introdução da discussão sobre a identidade étnica leva a ressignificação de aspectos da cidadania, a relação entre a etnia e identificação local, regional e nacional da comunidade escolar. **Palavras-chave:** Diversidade na Escola. Cultura Escolar e Etnia. Identidade Social. **Abstract** Reports the educational experience through the work done with students of municipal São Cristóvão' school system, glimpsing overcoming ethnocentric discourse. Through an experience developed in celebration of Indian Day in *Museu Histórico de Sergipe* (MHSE), analyzes were prepared on the appropriation of different segments of the local school community, with social identities assumed to indigenous and descendants and white mestizo acculturated population. It notes that the identity and the difference is the result of a symbolic and discursive production process, which can be amplified and generate a harmonious coexistence in the school environment. Concludes that the introduction of discussion on the ethnic identity leads to reframing aspects of citizenship, the

relationship between ethnicity and location identification , regional and national school community.

Keywords: Diversity in School. School's Culture and Ethnicity. Social Identity.

A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E A DIVERSIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: uma experiência prática com a leitura literária de temática indígena.

1 INTRODUÇÃO

Por meio de ações sociais e posicionamentos intelectuais, as questões de identidade e multiculturalidade finalmente chegaram a uma centralidade na teoria educacional e nas práticas pedagógicas brasileiras e suas políticas públicas, no século XXI. A publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2005), lança novas bases e discussões no ambiente escolares, mas ainda prevalece uma recomendação pela tolerância, ao invés da abertura para adesão às identidades diversas.

A forma como expressamos a identidade brasileira, no contexto escolar, costuma mascarar os processos de acultramento e subjugação que tornaram predominante um discurso originário dos colonizadores europeus, ou seja, etnocêntricos. Isto é, por exemplo, uma composição do conteúdo escolar do processo civilizatório, na qual a identidade do brasileiro é independente das identidades dos colonizadores portugueses, dos indígenas que eram os legítimos donos da terra, dos africanos que vieram de forma independente ou foram capturados, dos imigrantes de outros continentes, entre outros.

A construção da identidade brasileira também depende de um conjunto de negações, que a cultura escolar parece ocultar, ao conceituar como "folclóricas" vivências culturais de matrizes não-eurocêntricas, e atribuí-las ao "outro", ou seja, a um ator social externo à cultura validada pela escolarização. Assim, quando vemos, em nossos quadros escolares, a nossa população que é descendente de indígenas, se "fantasiando" de índios, e igualando em importância a discussão da identidade indígena nas dependências escolares com festividades carnavalescas ou bailes de *halloween*, isso se constitui na perigosa aculturação. Ao reduzir a cultura indígena ao mero adorno corporal, a prática escolar apaga o respeito e a discussão sobre a diferença nesse contexto, levando à aculturação e a perda significativa de capital intelectual, previamente produzido por estes segmentos da sociedade brasileira.

Quando consideramos a diferença como um fruto da identidade, instituímos como ponto de referência os valores hegemônicos, tomando aquilo que somos como norma para descrever ou avaliar aquilo que não somos. Contudo, a diversidade implica em referenciar as origens da identidade atual, sem desprezar a atualização mundial proporcionada pelo progresso tecnológico, social, evolução nos hábitos e modo de vida. Então, um indivíduo pode optar por identificar-se como descendente de indígenas, sem que para isso seja necessária a moradia em comunidade ou aldeamento indígena e a adoção de vestimentas e hábitos tipificados.

Para verificar a possibilidade de construção da identidade no contexto da escolarização, sem acultramento

da origem étnica, foi proposta uma atividade dinâmica de leitura, por meio dos fundamentos da Biblioteconomia, com os marcos teóricos da Ciência da Informação e Pedagogia, voltada para a leitura crítica de obra literária brasileira do período indianista. Por meio de uma vivência desenvolvida em celebração ao Dia do Índio, no Museu Histórico de Sergipe (MHSE), foram elaboradas análises sobre a apropriação de diferentes segmentos da comunidade escolar, com identidades sociais assumidas como indígenas e descendentes e população mestiça branco/parda aculturada.

Como recurso de mediação que propiciou a compreensão do texto dentro de um contexto de diversificação de faixas etárias, gêneros e grupos, que se propôs participativo para todos, foi utilizada como obra de estudo a quadrinhização do poema épico de Gonçalves Dias "I-Juca Pirama". Segundo Teresa Colomer:

Os recursos não verbais tem sido um dos motores de mudança da literatura infantil moderna. A utilização da imagem foi especialmente rentável para abrir caminhos à introdução de técnicas narrativas difíceis de incluir em textos que necessariamente tinham que manter uma certa simplicidade se quisessem se adequar aos pressupostos de acessibilidade compreensiva que presidem esta literatura. (COLOMER, 2003, p.316)

A adoção da linguagem dos quadrinhos como modo de adaptação de obras literárias, sejam elas originalmente produzidas em poesia ou prosa, têm sido largamente empregado na editoração brasileira desde o final do século XIX. Porém, ainda existe receio e resistência de muitos educadores e mediadores de leitura em lançar mão das adaptações em quadrinhos de nossa literatura. Assim, os bibliotecários, professores, tradutores de LIBRAS, contadores de histórias e outros agentes da disseminação de hábitos e gostos leitores podem chegar a resultados muito melhores, utilizando a atratividade da linguagem dos quadrinhos como recurso de mediação de leitura literária e facilitação de negociação de conteúdos curriculares e filosóficos complexos.

2 A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE INDÍGENA E DE SEUS DESCENDENTES

A identidade, tal qual a diversidade, se constroem por meio de relações sociais. No contexto escolar, é necessário considerar o capital intelectual que cada estudante agrega à comunidade escolar, sem contudo diminuir a importância do aprendizado da cultura escolar, que tem o seu caráter universalizante ancorado no protocolo verbal formal, na leitura e na escrita da Língua Portuguesa normatizada internacionalmente. Quando nela ingressam indígenas, surdos, imigrantes estrangeiros, o estranhamento se dá em relação à necessidade de tradução e adaptação da fala escrita do Português como segunda língua. Contudo, esta novidade não poderia nem deveria representar hierarquização, mas sim "diversificação".

Ainda, quando se fala na identidade indígena no contexto escolar, existe o agravante da confusão entre as populações indígenas históricas, que foram componentes étnicos da atual população brasileira por miscigenação, com as atuais populações que seguem mantendo viva a cultura de diferentes povos indígenas. Podemos dizer que onde existe o ocultamento dessa diferenciação no contexto escolar, é onde residem as estruturas hegemônicas de apagamento da identidade brasileira, a favor de uma identidade oriunda do colonialismo europeu.

Ao compreendermos que as comunidades indígenas e os seus descendentes apresentam características distintas em sua organização e trajetória sócio-histórica, uma vez que não existe mais a necessidade do isolamento geográfico, percebemos que a identidade corre o risco de ficar cristalizada no passado, sem que haja a atualização das questões étnicas fundamentais. Em sua maioria, as aldeias indígenas da atualidade

lidam com a cultura vestigial hibridizada. São próximas dos centros urbanos, nos quais se fala a mesma Língua Portuguesa e a educação formal é comum em seus conteúdos principais. Percebemos que a tentativa de isolamento característico da construção identitária dessas comunidades, muitas vezes imposto pela gestão pública, não ocorre de modo tão simples, nem mesmo poderá mais ser concretizado efetivamente.

O ambiente da educação formal e suas atividades didáticas e paradidáticas se tornam importantes mecanismos sociais de discussão da identidade, já que possibilitam a discussão entre os membros da comunidade escolar, mediado por educadores e com disponibilidade de recursos e fontes de conhecimento para pesquisa e aprofundamento. Assim, orientar o ensino e diversificar os conteúdos em uma comunidade escolar, apoia a opção pela construção individual e grupal de sua identidade. Por outro lado, a oferta exclusiva da cultura etnocêntrica na educação formal pode acabar por legitimar uma identidade única, da mesma forma de educação colonial, que segrega e busca métodos de substituição de um modelo cultural minoritário por outro hegemônico.

Para sociólogos brasileiros de expressão internacional, como Gilberto Freire e Darcy Ribeiro, a composição da identidade brasileira para pela miscigenação, que não significa apenas a diversificação genética, mas também a diversidade de culturas, modos de vida, pensamentos, língua e linguagens, por meio da hibridização. Então, já sabemos informalmente que o Português falado e escrito no Brasil, registrado em nossa gramática e praticado em nossa escolarização, possui diferenças conceituais e culturais em relação à língua praticada em Portugal, fundamentadas na hibridização da identidade indígena, afrodescendente, de imigrantes europeus e asiáticos. Segundo Tomaz Tadeu da Silva:

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa de identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes. (SILVA, 2000, p. 81)

Sendo a tradição é um anteparo que sustenta a modernidade, não há necessidade de descontinuar, o importante é ressignificar e demarcar relações de pertencimento. Para trazer a diversidade para o espaço escolar, é preciso buscar o diálogo e construir a consciência que permita a emancipação efetiva do aluno e lhe dê a opção de se identificar. Por conta das políticas compensatórias, muitas vezes a adoção de uma identidade até então esquecida pode trazer vantagens sociais antes inatingíveis, que necessitam de ampla discussão. Por exemplo, uma aluna pode identificar-se como descendente de indígenas, para desfrutar do regime de cotas étnicas das instituições federais de ensino superior, sem contudo passar a trajar-se e adotar os costumes de seus ancestrais.

Então, não é mais uma questão de “nós” e “os outros”, mas de uma cultura construída pela aproximação de outras culturas de igual valor, no passado. Isso é muito diferente do que se vislumbra na prática escolar da atualidade, onde “ser branco” significa a normalidade e o desejável, e não apenas mais uma das identidades que compõe o capital cultural brasileiro. Desse modo, segundo Silva: “Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial” (SILVA, 2000, p. 83), mas é claro que se trata de um equívoco que precisa ser dirimido pela escolarização.

O diferencial das etnias tem de ser relacionado à vivência, língua e cultura. Na escola, etnias diferentes terão de conviver sob condições padronizadas e aprender conteúdos curriculares parametrizados, mas isso não deve apagar a aprendizagem e a sequência da cultura local, doméstica e ancestral, que compõe um quadro novo e atualizado da cultura brasileira.

3 A RODA DE LEITURA COM O POEMA ÉPICO *I-JUCA PIRAMA*

A Roda de Leitura para estudantes do ensino básico denominada *Índio Cidadão 2016: Homenagem aos Nossos Ancestrais*, já foi projetada para quebrar a lógica eurocêntrica que identifica as populações nativas brasileiras como “o outro”, o grupo étnico estranho do qual a comunidade escolar não faz parte. Esta atividade, promovida no dia 19 de abril de 2016 pelo PLENA: *Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa*, permitiu mediação de leitura literária de um dos mais significativos poemas épicos da literatura brasileira, *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, discutindo criticamente a questão da diversidade na comunidade escolar.

A metodologia aplicada na prospecção de dados e aplicação da prática foi desenvolvida a partir da observação participante, buscando caracterizar a recepção da leitura e a sua crítica, focalizada na transversalização dos conteúdos identitários dos protagonistas da obra em análise, contrastiva em relação com a identidade étnica da comunidade escolar presente. Para Saul (*apud* ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 206) “a observação participante e considerada um procedimento de avaliação, caracterizado por método dialógico e participante, integrante também da abordagem qualitativa”.

O primeiro estranhamento se deu, pelo fato de o índio não ser tratado em nenhum momento da fala dos mediadores de leitura como um grupo étnico extinto, desligado, fora da dinâmica da cultura escolar, de produção cultural e literária. Identificando o “Poeta do Brasil” Gonçalves Dias como descendente de indígenas, assim como todos os pesquisadores do PLENA presentes à atividade, o quadrinhista pernambucano Laerte Silvino e os protagonistas da obra *I-Juca Pirama* como indígenas ou descendentes, inverteu-se a lógica eurocêntrica.

A partir daquele momento, alunos e professores envolvidos buscaram em seu rosto, cabelos e tom de pele os sinais que poderiam caracterizar o parentesco, foram explicitadas também lembranças de avós e bisavós incluídas nas famílias “à laço” [sic]. Enfim, a mediação de leitura resgatou a subjetividade e alteridade de sujeitos sociais que permanecem vivos e influentes na cultura brasileira. Segundo Marilena Chauí:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social, que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade, nem como alteridade. (CHAUI, 2000, p. 89)

Agradecemos a viabilização desta *Roda de Leitura* à oportunidade oferecida pela equipe do Museu Histórico de Sergipe (MHSE), na figura de seu Curador e Gestor, Sr. Sergio Lacerda, da Pedagoga Denize Santiago e na Museóloga Rosângela dos Santos Reis. Devido ao trabalho destes e outros profissionais abnegados, foi possível a participação no evento comemorativo ao *Dia do Índio* e a dinamização da prática para cerca de oitenta pessoas, entre estudantes e professores de várias escolas da rede escolar pública do município de São Cristóvão.

Esta experiência de formação cultural multiétnica dos estudantes e reconhecimento da presença de diferentes etnias na população local e nacional, contribui para os princípios exarados pela Constituição de 1988, posteriormente regulamentados pelo Direito Constitucional e regulamentados na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Três emendas modificaram o documento original da LDB, para tornar mais clara a exposição de conteúdos multiétnicos na escolarização:

- A primeira foi em 2001, quando foi sancionada a primeira lei do Plano Nacional de Educação (PNE);
- Em 2003, quando foi incluída a obrigatoriedade do conteúdo de história e cultura Afro-Brasileira;
- Em 2010, que tornou o ensino de arte e suas expressões regionais obrigatório na grade escolar.

Etnia, termo derivado do grego *ethnis*, significa povo. Esse termo se refere a um grupo de pessoas que apresenta vários elementos em comum, tais como a cultura, língua, história, valores, semelhanças físicas, entre outros. A miscigenação da população brasileira deu oportunidades para que aspectos de todas as culturas envolvidas sobrevivessem, de forma híbrida, constituindo uma cultura nova, componente da identidade nacional.

Várias etnias compuseram a população brasileira típica, desde a sua colonização. Ou seja, brancos, negros e indígenas coexistem e a sociedade tolerou ou aceitou a miscigenação. A questão étnica passou a representar uma nova problematização no Brasil, à medida que as políticas compensatórias foram implantadas no final do séc. XX. Então, negar a sua ancestralidade para a sociedade demonstrou ser desvantajoso, principalmente para desfrutar diversos direitos e conquistas advindas das práticas políticas compensatórias.

Então, a nossa discussão também buscou brevemente distinguir a questão de etnia da relação de "comunidade étnica", que é um grupo social distinto por cultura própria, assim como por língua ou vocabulário próprio. Normalmente, existem informações relevantes embutidas neste diferencial, que podem ser explicitadas pelo acompanhamento do cotidiano, relações produtivas, culinária, cerimônias e rituais.

Em especial, durante a apresentação da Roda de Leitura, duas comunidades étnicas foram apresentadas para os estudantes:

- Aimoré: grupo não-tupi, também chamado de botocudo, vivia do sul da Bahia ao norte do Espírito Santo. Grandes corredores e guerreiros temíveis, foram os responsáveis pelo fracasso das capitânicas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. Só foram vencidos no início do Século XX. O personagem Peri, de José de Alencar, é um herói literário Aimoré.
- Tupi: as tribos que falam essa língua, mas se dividem politicamente no país, são os Tamoio, Guarani, Caiçara, Tupiniquim, Tabajara, Timbira, cujas tribos se localizam na parte litorânea do Brasil, foram eles os primeiros a terem contato com os portugueses. Praticam a caça, da coleta de frutos e eram ótimos pescadores.

Questionados sobre as comunidades étnicas indígenas locais de São Cristóvão, os estudantes identificaram imediatamente a tribo Chocó, que pertence ao grupo Tupi. Então, mais um conceito importante sobre etnia foi clarificado. Na escola, etnias diferentes terão de conviver sob condições padronizadas e aprender conteúdos curriculares parametrizados, mas isso não deve apagar a aprendizagem e a sequência da cultura local. A etnia

deve significar um componente da personalidade e da identidade, não necessariamente o pertencimento à uma comunidade étnica.

Por meio do escaneamento das vinhetas da adaptação em quadrinhos de *I Juca Pirama*, acompanhada de leitura dramática do poema, foi possível para os alunos presentes acompanharem o desenrolar do enredo, que é muito emocionante. Como se traduz o próprio título, *I-Juca Pirama* significa “aquele que vai morrer”, os estudantes já sabiam sobre o que ocorreria ao protagonista. Então, outro questionamento também transversalizou a assistência, sobre a questão da morte. Como apresentada no poema, a morte é trágica, mas existe uma lógica e uma redenção que tornaram a sua presença aceitável para os estudantes.

Na passagem chamada de “canto de morte”, o guerreiro fala sobre as suas agruras, explicando que a sua aldeia de origem havia desaparecido completamente, devido à guerras travadas com os “homens brancos”, que contavam com o apoio dos Aimorés. Porém, a linguagem é erudita e se utiliza de vários recursos, adjetivos e metáforas para descrever a situação. Conforme trecho do poema épico, o guerreiro Tupi de I-Juca Pirama faz a seguinte narrativa:

Andei longes terras
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes - escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

(DIAS, 1851, versos 134-149)

Por meio das propriedades imagéticas das vinhetas da quadrinhização do poema, elaborada por Laerte Silvino (2012), foi possível que os estudantes identificassem que os “senhores” eram os colonizadores portugueses, cujos acordos de paz resultavam na captura e extermínio dos indígenas, ocupação de suas terras e posse de seus recursos naturais. Esta passagem ajudou os estudantes a compreender que a morte do guerreiro não era provocada por disputas entre aldeias indígenas, mas como consequência da ação predatória da colonização europeia.

Outra importante propriedade das vinhetas, é que elas se constituem como recurso de passagem do tempo natural e psicológico, que muitas vezes não é claramente percebido pelo leitor novato na interpretação de um texto, seja ele literário ou didático. Por meio da adaptação à linguagem dos quadrinhos competente, é possível criar a sensação do passar do tempo, desenvolvendo no cérebro do leitor propriedades que o auxiliarão em todo o tipo de leituras posteriores. O poema ocorre em quatro tempos distintos: o passado do velho chefe Timbira, que narra uma passagem de sua juventude, o passado do guerreiro Tupi que vai perder a vida, o presente do guerreiro Tupi em seus últimos momentos de vida e o presente do velho chefe Timbira, que vislumbra o extermínio de seu próprio povo. Por meio da quadrinhização, foi possível a todos o acompanhamento desses quatro tempos narrativos, mostrando que a história narrada fechava um ciclo, no qual a civilização branca tentava promover a limpeza étnica no território brasileiro, por

meio de assassinato, captura, miscigenação.

Assim, além da mediação dos conteúdos da leitura literária, uma adaptação em quadrinhos bem elaborada pode aprimorar o próprio ato de ler. Desta forma, o ritmo da narrativa passou a ser impresso pelas vinhetas, que mostraram o curso dos acontecimentos de uma forma mais natural, ajudando o leitor a compreender o desenrolar da ação, criando mais uma camada de informação que aprofundou a semantização do texto original. Esta propriedade é visível e tornou muito mais emocionante a mediação de leitura de I-Juca Pirama, na adaptação de Silvino (2012).

Então, a construção da identidade na diversidade tem de passar pela identificação de ideais, filosofias e acolhimentos, muito mais do que pela herança genética ou preservação de costumes que muitas vezes já se tornaram obsoletos. Segundo José Luis Pardo:

Respeitar a diferença não pode significar "deixar que o outro seja como eu" ou "deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)", mas deixar que o outro seja como eu *não sou*, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença *da* identidade, deixar se uma outridade que não é outra "relativamente a mim" ou "relativamente ao mesmo", mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (PARDO, 1996, p. 154 *apud* SILVA, 2000, p. 101)

Ao final de uma tarde muito produtiva, que contou com outras leituras e discussões, os estudantes tiveram a oportunidade de participar de uma prática paradidática, distinta das comemorações nas quais a identidade indígena é apagada de nosso processo civilizatório e transformada numa mera "fantasia", que lhe tira o protagonismo e transforma numa figura estilizada, alheia à grande e significativa contribuição cultural que ainda está integrando a cultura brasileira.

A prática foi coroada de êxito na leitura crítica e apresentação de discussão sobre diversidade na escola, assim como apresentou-se como contribuição para o trabalho desenvolvido didaticamente pelos professores, seja no campo da literatura, seja no campo dos estudos sociais, da cultura local de São Cristóvão/SE e de suas relações entre comunidades e identidades étnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que o capital cultural da nação brasileira recebeu e segue recebendo a contribuição da cultura de todos os povos indígenas nativos do país, é necessário que consideremos a Educação como uma atividade de acolhimento e ressignificação desses conteúdos e da identidade social por eles gerada. Não é uma questão de alteração de costumes, que nos trazem a noção do coletivo e representam a evolução tecnológica que foi construída pela sociedade, à qual todos os cidadãos têm direito inerente.

A atividade de campo descrita nesse artigo, dentre outras desenvolvidas pelo PLENA, tornou possível verificar que a relação entre a construção da identidade e a diversidade no ambiente escolar são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, que pode ser ampliada e gerar uma convivência harmoniosa na prática didática e paradidática. Ao respeitar e acolher o capital intelectual de diferentes culturas, não existe prejuízo no protocolo formal e nos conteúdos curriculares parametrizados, desde que a equipe multidisciplinar presente na equipe escolar e seus colaboradores tenham discutido e amadurecido as ideias e as melhores estratégias e práticas para essa nova escala de valores.

A contribuição a equipe multidisciplinar, formada pelos Pedagogos, Psicólogos, Bibliotecários, Tradutores, técnicos administrativos e equipe escolar, precisa amadurecer esta discussão e afinar o discurso, antes que preciosos conhecimentos continuem se perdendo e indivíduos continuem prejudicados em sua visão de mundo, mantendo identidades hegemônicas que lhes são inadequadas e inoportunas.

Concluimos que a introdução da discussão sobre a identidade étnica leva a ressignificação de aspectos da cidadania, a relação entre a etnia e identificação local, regional e nacional da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca Pública**: avaliação de serviços. Londrina: Eduel, 2003. AZEVEDO, Fernando de. A educação entre dois mundos: problemas perspectivas e orientações. In: **Obras Completas**. Volume XVI, pp. 59-81. São Paulo: Melhoramentos, 1958. BARI, Valéria Aparecida. História em quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores. In: SANTOS NETO, Elydio dos ; SILVA, Marta Regina Paulo da (org). **Histórias em Quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** São Paulo: Criativo, 2015. BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1997. BRASIL, Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 7, 14 de dezembro*. Brasília: Câmara da Educação Básica, 2010. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT. Brasília: Senado, 1988. BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2010. BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: junho, 2005. CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. COLOMER, Teresa. **A formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003. DIAS, Antônio Gonçalves. **I-Juca Pirama**. [1851]

Disponível em:

<http://

www.

biblio.com

.br

/default.asp

?

link=http://

www.

biblio.com

.br

/conteudo/GoncalvesDias/IJucaPirama.htm

>. Acesso em 05 de julho de 2016. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. SANTOS Neto, Elydio dos (org.) ; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2011. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. SILVINO, Laerte. **I-Juca Pirama em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)

Notas

[*] Líder do PLENA - Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações, desde novembro de 2015. Docente do Magistério Superior na Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde abril de 2009. Possui Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de São Paulo (USP) em 1990; Mestrado em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) em 2002; Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP) em 2008. Endereço para acessar o Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0106962520738975>>. Endereço para acessar o espelho do PLENA: <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4559993991971758> Endereço para acessar a tese de Doutorado: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/>>. E-mail: <valbari@gmail.com>.

[**] Cursa Especialização em Biblioteconomia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) desde 2015. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2015; Pesquisadora do PLENA – Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa. Endereço para acessar o Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4656296484656197>>. Endereço para acessar o espelho do PLENA: <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4559993991971758>. E-mail: <shirleybiblio@yahoo.com>.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: